

## Em nome de Colombo: exposições, estátuas e monumentos

In the name of Columbus: exhibitions, statues and monuments

**Leonardo Novo**

Mestre em História

Universidade Federal do Pará

leo.novo7@gmail.com

**Recebido em:** 13/10/2020

**Aprovado em:** 03/01/2021

**Resumo:** O presente artigo parte das recentes polêmicas sobre a derrubada de estátuas de Cristóvão Colombo nos Estados Unidos para debater as diferentes interpretações e reivindicações feitas em seu nome ao longo do tempo. São privilegiadas as comemorações do IV e V Centenários do Descobrimento (1892-1992) nos Estados Unidos e na Espanha para entender os deslocamentos operados a partir dos projetos políticos de integração disputados nesses dois períodos. Às estátuas e exposições, soma-se o concurso lançado na década de 1920 para a construção do Farol de Colombo, entendido como prisma de todas as tensões mapeadas a partir da imagem do navegador. Espera-se, por meio desse exercício, identificar a historicidade tanto das celebrações, quanto das manifestações contrárias à imagem de Colombo e entender como ela se articula às narrativas sobre a história da América.

**Palavras chave:** Cristóvão Colombo, pan-americanismo, Farol de Colombo

**Abstract:** This article debates the recent controversies about the overthrow of statues of Christopher Columbus in the United States to argue about the different interpretations and claims made in his name over time. The celebrations of the IV and V Centenaries of the discovery (1892-1992) in the United States and Spain are privileged in order to understand the displacements operated from the political integration projects disputed in these two periods. In addition to the statues and exhibitions, there is the competition launched in the 1920s for the construction of the Columbus Lighthouse, understood as the prism of all tensions mapped from the image of the navigator. It is hoped, through this exercise, to identify the historicity both of the celebrations and of the manifestations contrary to the image of Columbus and to understand how it is articulated to the narratives about the history of America.

**Key-words:** Christopher Columbus, pan americanism, Columbus Memorial Lighthouse

Um castelo, um forte, um campo de batalha, uma igreja, todas essas coisas maiores que nós, nas quais injetamos a realidade de vidas passadas, parecem falar de uma imensidão da qual pouco sabemos, exceto que somos parte dela. Demasiado sólidas para serem imaculadas, impressionantes demais para serem inocentes, elas

encarnam as ambiguidades da história. (...) Imaginamos vidas sob a alvenaria, mas como reconheceremos o fim de um silêncio inexaurível? (TROUILLOT, 2016, p.62).

## O ovo de Colombo

Ovo de Colombo é uma expressão geralmente associada ao folclore italiano para se referir a um problema de difícil solução, mas que, uma vez solucionado, parece fácil. A metáfora é apoiada em um mito que envolve o navegador genovês depois de ter “descoberto” a América e retornado para a Europa. Segundo o provérbio, ao ser confrontado por seus contemporâneos sobre a excepcionalidade de seu feito e questionado se outro navegador poderia tê-lo realizado, Colombo desafiou os presentes a colocar um ovo de galinha em pé sobre uma de suas extremidades. Perante diversas tentativas malsucedidas, o descobridor da América teria quebrado levemente a casca de uma das pontas até que o ovo se achatasse e parasse em pé para, então, enunciar seu argumento: qualquer um poderia ter feito, mas foi necessário que alguém tivesse tido a ideia e a executado. Para além da veracidade do provérbio, o ovo de Colombo pontua uma questão importante para se pensar a história da América e os significados atribuídos a um de seus conquistadores.

Se a metáfora não ganhou tanta força como expressão popular no Novo Mundo, as questões colocadas pelo provérbio sobre as relações estabelecidas entre descobridor e descoberta são constantemente retomadas. Recentemente, em junho de 2020, em meio a uma série de protestos e manifestações desencadeados pelo assassinato de George Floyd por um policial branco estadunidense, estátuas de símbolos do federalismo e do colonialismo foram derrubadas ou usadas de suporte para reivindicações enunciadas por movimentos indígenas e negros. Estátuas de Colombo em Boston (Massachusetts), Richmond (Virgínia), Saint Paul (Minnesota), Houston (Texas) e Miami (Flórida) foram demolidas ou decapitadas (GUIMÓN, 2020). Em Nova York, cidade que abriga, ao menos, três estátuas do navegador, o governador Andrew Cuomo reconheceu atos imperdoáveis cometidos por Colombo, mas defendeu a permanência e integridade das estátuas por serem símbolos da relação estabelecida entre os ítalo-americanos e a cidade por meio da história (SZEKELY, 2020).

Colombo não foi a única figura histórica questionada por meio de suas representações nas cidades estadunidenses no ano de 2020. Como afirmam Sarah Mervosh, Simon Romero e Lucy Tompkins em artigo publicado no *The New York Times* outros símbolos do racismo e da opressão nos Estados Unidos também foram alvo de protestos, como a estátua de Thomas Jefferson em Portland,

a de John Sutter, comerciante e figura relacionada à colonização da Califórnia, em Sacramento, além de bandeiras Confederadas em diferentes regiões do país. O artigo menciona que o debate histórico levantado a partir das estátuas não é novo, mas oferece novas possibilidades de se pensar o ensino de história para as novas gerações (MERVOSH; ROMERO; TOMPKINS, 2020).

Importa sublinhar esse aspecto, frequentemente deixado de lado em reportagens que, em menor ou maior grau, deslocam a derrubada das estátuas do plano histórico para o lugar de ineditismo em narrativas que podem tanto apoiar as manifestações e contestações do símbolo colonial quanto condenar atos julgados como vandalismo. Como nos lembra Amilcar Torrão Filho, em um passado recentíssimo, 2008, a retirada de uma estátua de Colombo erigida no Grand Park de Los Angeles colocou novamente a figura do navegador em um tribunal. “Foi Colombo um genocida?”, era o título da reportagem do *El País* que entrevistou historiadores, políticos e líderes de movimentos sociais para compor um panorama de opiniões sobre o tema. Ao final, nos foi oferecido uma condenação, ou síntese: Colombo não poderia ser enquadrado como genocida pois isso seria anacrônico e reduziria a ação e os efeitos de outros imperialismos, como o inglês, na história da América (TORRÃO FILHO, 2019).<sup>1</sup>

A distância entre o feito, a chegada de Colombo à porção de terras ainda desconhecida, e as interpretações sobre ele, elaboradas ao longo de acumulados séculos, parece ser diminuída quando, volta e meia, o navegador ocupa as páginas de jornais e revistas e torna-se réu. O mesmo ocorre anualmente nas comemorações do dia 12 de outubro, outorgado dia de Colombo nos EUA desde 1912 e feriado em diversos países latino-americanos sob diferentes nomenclaturas (“dia das Américas”, “dias das nações latino-americanas”, dentre outros), ou, em um intervalo maior de tempo, a cada cem anos, nas comemorações do Centenário do descobrimento. Quais os efeitos dessas sucessivas e persistentes atualizações da imagem de Colombo? As reflexões encadeadas no presente texto partem desse questionamento e investigam a historicidade identificada tanto nas comemorações que exaltam por diferentes justificativas e tradições o navegador, quanto nos protestos contra as violências legitimadas e operadas em seu nome.

---

<sup>1</sup> Agradeço ao professor Amilcar Torrão Filho por compartilhar o texto, não publicado, e contribuir para as reflexões esboçadas no presente artigo.

No dia 12 de outubro de 1992, em meio as comemorações do V Centenário do descobrimento da América, uma matéria publicada sem autoria na coluna de opiniões do *The New York Times* comparava as celebrações em torno da figura de Colombo nos dois centenários – aquele comemorado em 1992 e o de cem anos antes, em 1882. O argumento era o de que nesse intervalo de tempo, os movimentos sociais tensionaram a figura do navegador e enfatizaram os efeitos da colonização para as populações indígenas do continente: “By now, it's no secret that Columbus and those who came after him abused the natives, drove them from their land and introduced European diseases that decimated their population.” (*CHRISTOPHER COLUMBUS*, 1992).

O V Centenário, diferentemente de seu antecessor, parece ter sido marcado por vozes dissonantes. Oficialmente, a data fora reconhecida pela municipalidade de Nova York como o “dia de respeito às culturas nativo-americanas” frente ao episódio da conquista. Apesar disso, essa e outras reportagens veiculadas em grandes jornais estadunidenses, como o *The Washington Post*, já enunciavam o coro a ser repetido à exaustão até os dias de hoje: imputar a Colombo as depredações e violências praticadas em seu nome ou a partir de seu feito seria injusto, afinal de contas, ele teria vivido em um tempo diferente e distante do nosso e aberto os caminhos para a possibilidade de existência do mundo de hoje.<sup>2</sup> O artigo indica, mesmo que de maneira superficial, certa historicidade em relação a essa constante atualização da imagem de Colombo e seu suposto feito, a descoberta da América.

Se ao longo de cinco séculos, muitas foram as interpretações sobre a chegada do navegador de nacionalidade duvidosa à porção de terra igualmente imprecisa que ficaria conhecida como América, um ano antes o *The New York Times* publicava outra reportagem sobre Colombo e antecipava as comemorações do centenário:

Whether Christopher Columbus is viewed as a hero or a scoundrel, he can also be viewed on more New York City pedestals than anyone else who never even paid a visit. Only George Washington, who lived in the city as President, is exalted by more statuary. Best known of the six New York Columbuses is the one in Columbus Circle. But there are two more in Manhattan, one each in Brooklyn and Queens, and a Depression-era bust in the Bronx, sculpted as a W.P.A. Art Project. (*COLUMBUS ON A PEDESTAL*, 1991).

---

<sup>2</sup> É significativa, nesse sentido, a reportagem publicada às vésperas do feriado de 1992 no *The Washington Post* que mapeou as produções historiográficas sobre a viagem de Colombo de 1492. Dentre os livros elencados, está o “The Guinness Book of Records 1492: The World Five Hundred Years Ago”, uma versão do livro dos recordes ambientada em um mundo de 500 anos atrás (DUNCAN, 1992).

O artigo apresentava as numerosas e diferentes estátuas de Colombo espalhadas pela cidade, uma para cada tradição que o reivindicava, a partir de um mapeamento das motivações e financiamento de algumas delas. A mais famosa, afirmava o jornal, localiza-se no Columbus Circle, região próxima ao Central Park, caracterizada como “puramente italiana” por ter sido um presente da comunidade ítalo-americana para as comemorações do IV Centenário do descobrimento (1892) – literalmente esculpida com mármore de Carrara pelo escultor Gaetano Russo. Cerca de meia légua de distância do italiano Cristoforo Colombo, dentro do Central Park, se localiza Cristobal Cólon, a estátua feita pelo espanhol Jeronimo Sunol com bronze de Barcelona.<sup>3</sup> Apesar de mudas, as diferentes estátuas, segundo a reportagem, mandavam o mesmo recado: polêmicas à parte, o navegador havia *feito história* ao ser responsável por dar um mundo a toda a humanidade.

Se por meio desse levantamento preliminar e parcial é possível indicar a historicidade das comemorações e reivindicações que levaram a construção de estátuas de Colombo, reportagens do *The New York Times* também registram como esse processo nunca foi pacífico. No dia seguinte ao 12 de outubro de 1991, uma nota informava sobre os protestos motivados pelas comemorações do “Columbus Day”. Centenas de indígenas enfatizavam o extermínio de sua cultura a partir da chegada de Colombo ao se reunirem em Connecticut trajando preto em manifestação de seu luto (*SAINTE OR CRIMINAL*, 1991). Às vésperas do V Centenário, portanto, a própria nomenclatura do “descobrimento” era questionada pela historiografia e pelos movimentos sociais. Palavras e expressões como “Holocausto pós-colombiano”, “encontro”, “conquista”, “invasão” e “extermínio” eram mobilizadas e indicam, como argumentado pelo haitiano Michel-Rolph Trouillot, que os nomes definem um campo de poder (TROUILLOT, 2016, p.184).

As relações de poder expressas a partir de monumentos públicos, colocados em tensão a partir de diferentes reivindicações ao longo do tempo, e sublinhadas nas reportagens não são um tema estranho à historiografia. A própria noção de patrimônio histórico foi elaborada de maneira a considerar as implicações políticas e teóricas desses monumentos nas cidades. Nos dias e semanas seguintes as mais recentes derrubadas de estátuas nos EUA muitos artigos acadêmicos e de opinião foram escritos e publicados por historiadores, arquitetos e técnicos envolvidos na gestão e nos

---

<sup>3</sup> Além dessas duas estátuas, o artigo ainda afirma existirem outras esculturas anteriores a elas, como a que se localiza no bairro do Brooklyn, de 1869, e posteriores, como a do Queens de 1925.

debates patrimoniais no Brasil e no exterior.<sup>4</sup> Não pretendo, aqui, atualizar as polêmicas sobre a imagem de Colombo, mas indicar um percurso histórico de mobilizações dessa figura. Por meio desse exercício, Colombo passa a ser um prisma para entendermos diferentes relações e projetos inter-americanos disputados desde o século XIX a partir de distintas interpretações dos significados de um mesmo evento: a viagem de 1492.

A história, segundo Trouillot, autor do trecho tomado como epígrafe, é um conjunto de silêncios elaborados por meio de narrativas perpassadas pelo poder (TROUILLOT, 2016, p.23). A dimensão política é evidente nas sucessivas escolhas, eleições e recortes feitos em prol da narração do evento em questão. A redução do ano de 1492 às 24 horas do dia 12 de outubro foi uma operação complexa feita a partir de muitos silêncios, dentre os quais o daquele que é analisado por muitos especialistas como o *verdadeiro* grande evento daquele ano: a queda de Granada como último bastião muçulmano da Península Ibérica. Se um marco histórico é sempre definido em relação a um passado, em 1492 o interesse da Coroa espanhola era o de projetar suas fronteiras ao sul e legitimar a narrativa da cristandade que sustentava as guerras e tratados contra os muçulmanos até então.

Apesar disso, o evento da viagem de Colombo foi convertido em um marco ainda mais decisivo e fixado no tempo a partir da perda de seu caráter processual. Por meio de uma potente e inflexível cronologia, isola-se um momento singular tornando-o um fato histórico capaz de produzir e reproduzir essa lógica do poder *ad infinitum*. À atenção de Trouillot às operações narrativas possíveis a partir de um evento histórico soma-se a definição da argentina Marina Waismann (2013) sobre a história: uma ciência baseada em uma sucessão de juízos (WAISMAN, 2013, p.3). A eleição de um tema, a delimitação de um objeto de estudo, a escolha de determinados instrumentos metodológicos, tudo isso se coloca entre o acontecimento e as possibilidades e modalidades de narrá-lo, dotando de sentido um panorama delineado a partir da documentação. A arquiteta argentina entende a história por meio desse caráter operativo, onde são centrais as articulações enquanto operações para se atribuir sentido.

---

<sup>4</sup> Ainda que esse não seja um objetivo do presente artigo, destaco o artigo de Paulo Garcez Marins que elabora o debate da memória a partir da polêmica sobre as estátuas de Colombo e menciona o caso da Argentina, onde a então presidenta Cristina Kirchner substituiu um monumento dedicado a Colombo por uma homenagem a uma liderança indígena (MARINS, 2020).

Ambos, portanto, entendem a história a partir do dinamismo das narrativas, colocadas em disputa ao longo do tempo e por diferentes grupos. Ou seja, as reivindicações pela derrubada ou retirada de estátuas não podem ser outra coisa que não movimentos e processos tão históricos e legítimos quanto sua construção. As celebrações e efemérides funcionam, nesse campo de disputas, como instrumentos de um poder arquivístico que ajudam a criar, modificar ou legitimar os significados públicos associados aos eventos históricos considerados merecedores de uma celebração em massa (TROUILLOT, 2016).

Apesar de identificar homenagens e reivindicações anteriores, como a fundação da *Columbian Order* em Nova York no ano de 1789 às vésperas do terceiro Centenário, ou mesmo nas disputas entre países latino-americanos, como Cuba, e a Espanha pelos restos mortais do navegador no início do século XIX, a década de 1890 e os preparativos para o IV Centenário são destacados por Trouillot (2016) como momento em que essas celebrações e reivindicações em nome de Colombo passam de eventos restritos a grupos específicos a uma escala mais ampla. Além disso, a dupla celebração da efeméride, de um lado do Atlântico pelos Estados Unidos e do outro pela Espanha, deram o caráter de massa aos eventos e amplificaram as imagens por ele veiculadas a uma escala global.

O exercício de produção do fato histórico por parte do IV Centenário celebrado na Espanha contou com diversos debates sobre o papel do país na marcha da civilização ocidental e sua relevância como agente histórico. As estratégias foram apoiadas em um fundo intelectual, com a criação de uma Junta, pelo menos um periódico acadêmico e mais de cinquenta palestras entre os anos de 1891 e 1892 sobre temas atualizados ainda hoje no debate público: o impacto diferenciado de distintos impérios coloniais sobre as populações conquistadas, a validade da Legenda Negra, o legado cultural das sociedades pré-colombianas, a recepção de Colombo na Espanha e seu pioneirismo frente a outros navegadores, o local exato de seu desembarque, o lugar exato onde foi enterrado, dentre outros. A Espanha disputava o lugar de centro do mundo por meio da construção e legitimação de uma hispanidade, que articularia as duas margens do Atlântico por meio de Colombo (BEIRED, 2006).

O hispanismo, como argumenta Beired (2006), seria o responsável por estabelecer uma suposta unidade entre o mundo ibérico e o mundo americano por meio da formulação de uma

identidade comum entre Espanha e suas ex-colônias. Nesse exercício, são mobilizadas as noções de raça, história, língua e religião, tomadas como base comum e herança hispânica na América. Na análise do autor, o IV Centenário, junto ao Congresso Hispano-Americano e Português (Madrid, 1895), conformam ações intelectuais articuladas às políticas do Estado com o objetivo de promover uma zona de influência da Espanha na América.<sup>5</sup>

Esse deslocamento para a dimensão pública do evento histórico e dos debates provocados por ele asseguraram, como aponta Trouillot (2016), o estatuto da neutralidade a qualquer um (indivíduos, partidos políticos, movimentos sociais, Estado) que se dedicasse ao tema. Esse é o aspecto recuperado das comemorações do IV Centenário para sua eleição como ponto de inflexão das mobilizações de Colombo pelo autor. No debate contemporâneo sobre as estátuas de Colombo também é possível identificar posições baseadas em uma suposta neutralidade ideológica, frequentemente revestida de um aspecto meramente “técnico” ou conceitual.

Assim como os olhos da Espanha estavam voltados para a América a partir de um objetivo de re-conquista, as celebrações do IV Centenário nos EUA não foram motivadas por motivos menos contemporâneos. Tanto os eventos de 1892 quanto a Exposição Colombiana Mundial de Chicago de 1893 elevaram a uma escala global o papel de Colombo na consolidação da hegemonia estadunidense no hemisfério ocidental. A Exposição de Chicago movimentou cifras muito maiores do que a celebração espanhola: cerca de 5.8 milhões de dólares investidos enquanto as estimativas dos gastos da Espanha não passam dos 25 mil dólares. “Mais países participantes, mais espaço útil, mais estandes e mais dinheiro do que qualquer outra exposição que o mundo já tivesse visto”, como caracterizou Trouillot (TROUILLOT, 2016, p.208).

De uma maneira ou de outra, as narrativas sobre o que teria acontecido em 1492 legitimavam o que estava em jogo nas dinâmicas políticas do final do século XIX. Ou seja, a celebração de Colombo passava a compor e fazer parte de uma série de estratégias que forjavam novas relações

---

<sup>5</sup> Dentre os esforços institucionais para se forjar essa comunidade transatlântica, Beired destaca as revistas e periódicos – *Revista de Espana, de Índias y del Exterior* (1842 – 1845); *Revista Española de Ambos Mundos* (1853 – 1855); *La América. Crónica Hispanoamericana* (1857 - 1886); *El Imparcial. Revista Hispanoamericanista* (1867 – 1870); *La Ilustración Española y Americana* (1869 – 1821); *Revista Hispanoamericana* (1866 – 1872); *La Raza Latina. Periodico Internacional* (1874 – 1884); *La Unión Iberoamericana* (1898) – e a fundação de institutos e centros de pesquisa – *Unión Iberoamericana*; *Centro Internacional de Investigaciones Históricas Americanas*; *Centro Oficial de Cultura Hispanoamericana*; *Instituto Iberoamericano de Derecho Comparado*; *Centro Iberoamericano de Cultura Popular*; *Junta de Fomento de Relaciones Artísticas y Literárias Hispanoamericanas*, dentre outros (BEIRED, 2006).



inter-americanas e entre os países da América e da Europa no período. Dentre elas, o pan-americanismo ocupou lugar de destaque como ideário que mobilizava de uma só vez a herança colombiana colonial e os projetos de integração continental americanos.

### **Colombo como Farol**

A partir desse jogo de articulações entre diferentes temporalidades a imagem de Colombo foi atualizada, tanto por meio de celebrações e estátuas, quanto por meio de contestações e protestos. O que se coloca em jogo nessas disputas não é o evento em si, mas o fato histórico construído a partir dele por meio de diferentes interpretações que serviam a diferentes projetos políticos. Entender esse percurso histórico nos ajuda a entender o que foi projetado em nome de Colombo e contra o que se amplificam as vozes dissidentes.

Os exercícios de atualização da imagem de Colombo foram operados a partir de um mesmo aspecto de sua viagem de 1492: a integração entre mundos até então apartados. Entretanto, no final do século XIX, o mundo não era mais caracterizado pela polaridade entre metrópoles e colônias – mote da atualização proposta pela Espanha entre Novo e Velho Mundo. Na esteira das tradições das Exposições Universais, o concerto das nações dançava sob outro ritmo, mais polifônico e internacionalista. Em articulação com outras políticas e eventos que assumiam esse tom, como a organização da I Conferência Internacional Americana (1889-1890), as comemorações do IV Centenário nos EUA também partiam do pressuposto da integração, mas visavam deslocar o eixo: das relações transoceânicas para a ideia de hemisfério ocidental. Com isso, as autoridades políticas estadunidenses visavam destacar o papel dos EUA como líder, tal qual ditava a Doutrina Monroe.<sup>6</sup>

Os anos que antecederam a Exposição de Chicago foram marcados pela disputa entre ao menos quatro grandes cidades – Chicago, St. Louis, Nova York e Washington D.C. – para sediar as comemorações até a votação que elegeu o resultado em fevereiro de 1890. Em razão dessas disputas e diferentes propostas, foram elaborados diversos projetos e designs arquitetônicos com base nos temas em questão que conformaram um repertório imagético Colombino mobilizado desde então.

---

<sup>6</sup> Entre as autoridades políticas e diplomáticas que se empenharam na construção ideológica do pan-americanismo estão James Blaine (1830-1893), Secretário de Estado dos EUA durante a I Conferência Internacional Americana (1889-1890) e William Curtis (1850-1911), Diretor Geral do International Bureau of American Republics (posteriormente rebatizado de Pan American Union) e chefe do Latin American Bureau for the Columbian Exposition. Ambos são identificados pela historiografia como importantes articuladores das práticas pan-americanistas difundidas pelos Estados Unidos na virada do século XIX para o século XX, como aponta Robert González (2011).

Em virtude da Exposição de Chicago, réplicas das embarcações do navegador (Nina, Pinta e Santa Maria) foram colocadas no Lake Michigan junto a uma réplica do monastério espanhol que Colombo supostamente se refugiou. O grande arquiteto da celebração, Daniel Burnham, idealizador do espaço expositivo que ficou conhecido como White City, afirmava a centralidade da arquitetura e do espaço construído na operação em jogo em 1892: deveriam ser os meios de demonstrar as modernas possibilidades de uso do passado e da antiguidade (TROUILLOT, 2016, p.189). Colombo, então, passava a ser apresentado de uma só vez como origem e finalidade de uma *atitude* marcadamente americana de integração e excepcionalidade que deveriam assinalar o papel do continente frente às novas dinâmicas geopolíticas do final do século XIX.

O pan-americanismo como prática e retórica de união entre nações americanas é uma construção plural e anterior aos debates do final do século XIX. Simón Bolívar, a Carta da Jamaica (1815) e o Congresso do Panamá (1826) são frequentemente eleitos como as origens desse movimento.<sup>7</sup> Para além das filiações ou marcos de origem, importa entender como ele fora mobilizado por diferentes países e projetos ao longo do século XIX até se tornar linguagem comum no repertório político do final do século. Linguagem comum, mas longe de assumir os mesmos significados. Na narrativa levada a cabo por James Blaine, William Curtis e outros nomes do corpo diplomático estadunidense, era assumida uma continuidade entre a chegada de Colombo ao continente e o papel do país nessa nova ordem mundial, quatro séculos depois.

Robert González (2011) enfatiza como esse projeto pan-americanista formulado por essa elite estadunidense também se apoiava, em grande medida, na arquitetura e no espaço construído como estratégias de convencimento e persuasão. Se do outro lado do atlântico, a Espanha se esforçava para atualizar a narrativa da conquista por meio do hispanismo, o pan-americanismo, segundo o autor, teve que ser desenhado e visto por um grande público para que conseguisse ser difundido nessa nova escala global. Nesse sentido, as feiras mundiais e exposições, dentre as quais a Exposição de Chicago de 1893, são elementos centrais na difusão do pan-americanismo que, em grande medida, passou a ser implementado e disputado também em nome de Colombo. Nesses espaços, observa-se a aliança entre elites latino-americanas e norte-americanas na promoção de investimentos estadunidenses na agricultura, indústrias e turismo que seriam apresentados por meio

---

<sup>7</sup> A busca pelas "origens" do pan-americanismo é a tônica de muitos trabalhos sobre o tema, como Baggio (2000), Ferreras (2013) e Reis (2013). Muitos desses trabalhos se valeram da cronologia fixada por Arturo Ardao (1986).

dessa articulação entre tradição e modernização a partir de uma formação visual-ideológica específica.<sup>8</sup>

Mas como deveria ser representado o Colombo pan-americanista? Pela retórica de integração continental, a viagem de 1492 teria sido deslocada da tutela da hispanidade para o plano universal: a chegada do navegador a terras até então desconhecidas seria o evento mais importante da marcha universal da humanidade. A imagem de Colombo era, portanto, descontextualizada, como argumenta Trouillot, passando a ser signo aberto para leituras tão plurais quanto divergentes dos mesmos eventos (TROUILLOT, 2016, p.212).

As exposições, tanto a que aconteceu em Madrid, quanto a de Chicago, não só demarcam efemérides como são, elas mesmas, efêmeras. Como argumentado por Marianna Al Assal (2014), podem ser lidas como arenas em que a arquitetura estabelece conexões particulares com a política a partir de um jogo que se apoia na linguagem, no caráter simbólico e na perspectiva monumental (AL ASSAL, 2014). O efeito dessas articulações, contudo, nada tem de efêmero e mais se aproxima da perenidade das estátuas, que permanecem na malha urbana de determinadas cidades e dão espaço para as ambiguidades da história, como enunciado na epígrafe. É possível, ainda, identificar elementos que se valem dos dois aspectos: da monumentalidade das exposições e da perenidade e solidez das estátuas. A operação de transformar Colombo em um farol, que pudesse de uma só vez indicar a origem e apontar para o futuro projetado pelo pan-americanismo, ultrapassou a categoria da metáfora para o plano material com o concurso lançado na década de 1920 pela União Pan-Americana (UPA) que culminou na construção do que González (2011) caracterizou como a última grande obra faraônica do século: o Farol de Colombo.

O monumento erigido em Santo Domingo, República Dominicana, em nome de Colombo era justificado como uma homenagem de todas as nações do continente à Colombo e deveria contar com um financiamento coletivo para sua construção. O vencedor do concurso, o então estudante de arquitetura inglês Joseph Gleave, foi revelado em 1931 em cerimônia ocorrida no Rio de Janeiro, mas o farol só foi inaugurado em 1992, como parte das celebrações do V Centenário do descobrimento.

buscar um símbolo que expresse as qualidades fundamentais que fazem do descobrimento das Américas por Colombo um dos sucessos mais importantes da

---

<sup>8</sup> Grande parte dos argumentos de González (2011) se valem da análise imagética dessa cultura visual: peças publicitárias, selos, mapas, revistas, roupas, etc.

História universal. [...] Deve ser como uma chamada ou alvo para todos os povos e tempos. Sua linguagem deve chegar a todos os espíritos. Deve ter esse caráter atemporal que distingue a todo grande sucesso humano e expressar a força, a intuição e o amor do homem que como instrumento deu lugar a ele. [...] Seu conceito, sua forma e sua massa podem ser simples, mas sinceros e poderosos. Suas condições arquitetônicas, força, estabilidade, durabilidade. Sua linguagem plástica não tem porquê ajustar-se a uma época ou raça, pois sua missão é enlaçar os séculos. Seu chamamento é universal (*PROGRAM AND RULES*, 1928).

O concurso foi lançado no ano de 1928, quando a UPA publicou seu programa e regras. Organizado e redigido pelo assessor técnico da instituição, o arquiteto Albert Kelsey (1870-1950), o documento era dividido em quatro partes: prefácio; a história do projeto; programa da competição preliminar; regras sobre os dois estágios da competição. No documento, Kelsey e a UPA explicitavam a importância do certame e como ele iria dar relevo, de um lado, a América frente ao “concerto das nações” e, de outro, aos arquitetos, explicitamente incumbidos de materializar essa ideia. O projeto, portanto, era duplo: o de se construir o monumento e o de deslocar o evento da chegada de Colombo ao continente para o campo da História Universal – daí a importância de seu chamamento abranger arquitetos de todo o mundo e não só os da América. A figura de Colombo era celebrada por suas conquistas, que deveriam ser registradas pelos arquitetos a partir da perspectiva histórica que as situasse nessa evolução da civilização mundial. Apesar do caráter histórico, o apelo era claro: os arquitetos não deveriam se esquecer da época em que estavam inseridos, entendida como produto dessa série histórica caracterizada pelo renascimento europeu, o encontro entre a Península Ibérica e as três civilizações americanas (nativa, colonial e moderna), e, sobretudo, a influência do Novo Mundo nas orientações ideológicas, econômicas e políticas do Ocidente.

O prefácio também nos informa que a publicação trazia, além das regras e do programa, algumas páginas destinadas às observações de Kelsey sobre a República Dominicana – costumes locais, história, traços do passado colonial, aspectos da vida social – de maneira a sublinhar que elas seriam úteis para a elaboração dos projetos. O assessor técnico havia visitado o país em questão no mesmo ano durante o período de 22 dias e elaborado um relatório de viagem que enquadrava a fauna, a flora e os habitantes de Santo Domingo como *ethos* ideal para a construção política e arquitetônica do novo significado de Colombo e do continente a partir desse jogo entre local e

universal, bem como entre “descobridor” e “descoberta”, relacionados por uma operação metonímica.<sup>9</sup>

As narrativas sobre a origem da proposta de se construir o monumento, tanto a elaborada pela UPA, quanto as encontradas na historiografia, também se preocupam em enfatizar seu caráter local. São recuperados textos do dominicano Don Antonio del Monte y Tejada, identificado como autor da pioneira ideia de construir um monumento em um lugar de destaque do continente em meados do século XIX.<sup>10</sup> Também seria dele a proposta do monumento ser um farol, cujo símbolo carregaria a ideia de perpetuidade e nortearia os viajantes do Novo e do Velho Mundo. Ainda no século XIX, a ideia foi retomada pelo General Gregorio Luperón (1839-1897), presidente da República Dominicana entre 1879 e 1880, em uma guerra contra a Espanha que teve como um dos resultados a descoberta dos restos mortais do navegador na ilha em 1877, reforçando a escolha do local como sítio ideal para a homenagem. Desde então, Colombo passou a ocupar simbolicamente a cidade: em 1887 foi construída uma estátua colocada na principal praça de Santo Domingo, posteriormente conhecida como Plaza de Cólón. No IV Centenário do Descobrimento (1892) foi criada a Junta Nacional Colombina para a construção de uma tumba que abrigasse os restos mortais do navegador, o que nunca ocorreu. Eles foram realocados para a Catedral de Santo Domingo, inaugurada em 1896, onde permaneceu até a inauguração do Farol, quase um século depois (*PROGRAM AND RULES*, 1928, p.10).

Apesar da justificativa autenticamente nacional para o projeto, a UPA não escondia seu protagonismo nas articulações em prol de sua construção no século XX. São destacadas as iniciativas de William Pulliam, diplomata estadunidense atuante na República Dominicana, de iniciar uma campanha sistemática de publicação de artigos em diversos veículos do continente em favor da construção do Farol-Memorial até a proposta ser acatada pelo governo de Juan Burgos (1871-1935) enquanto presidente provisório do país em 1923. Nesse mesmo ano também aconteceu a V Conferência Internacional Americana, onde os delegados reunidos em Santiago do Chile votaram manifestação favorável ao projeto e ao apoio e suporte internacionais para seu financiamento, bem

---

<sup>9</sup> Robert González (2011, p.112) aproxima essa expedição de Kelsey à República Dominicana às expedições coloniais praticadas pela França e pela Inglaterra imperiais a partir da categoria do orientalismo teorizada por Edward Said. Ele também afirma que na segunda fase do concurso, o assessor técnico da UPA recomendava aos finalistas que viajassem também ao país para estudar referências e costumes locais, sempre tratados na chave do exotismo.

<sup>10</sup> A obra, composta por três volumes, celebrava a figura de Colombo e sugeria a dívida de todas as nações ao navegador por seu heroico ato de descobrir o continente (MONTE Y TEJADA, 1852).

como foram organizados comitês, que atuavam em diferentes escalas: o Permanent Committee, de composição transnacional e capitaneado pela UPA, e diversos National Committee of Cooperation a serem formados em cada país.<sup>11</sup>

O Comitê Permanente foi responsável por elaborar um relatório publicado em abril de 1927. O documento destacava a “ilha Hispaniola” (onde se localizam a República Dominicana e o Haiti) como primeira terra tocada pelo navegador e justificava a empreitada para além das muitas iniciativas nacionais e locais de já terem construído monumentos e homenagens a Colombo. O argumento era o de que o navegador, caracterizado como grande benfeitor da humanidade, seria merecedor de uma homenagem coletiva, um tributo comum de todas as nações do Hemisfério por ele descoberto. A ideia de hemisfério é retomada em outros momentos da narrativa, sobretudo quando diretamente relacionada ao pan-americanismo. O Colombo pan-americanista deveria ter os atributos do monumento a ser construído em sua homenagem, de maneira a se tornar um ponto focal que evocasse o passado e se projetasse no futuro: “No descobrimento, as nações americanas encontraram profundas raízes históricas das quais nasceu o sentimento de solidariedade continental que floresceu no ideal pan-americano” (PROGRAM AND RULES, 1928, p.13). Além dos trâmites financeiros, a UPA defendia que cada nação americana enviasse uma porção de terra de seu solo a ser depositada nas bases do monumento, bem como um produto de sua arte ou indústria para compor a decoração interna do edifício. Dessa maneira, segundo eles, a empreitada reuniria o que há de mais sagrado na existência nacional de cada país, seu território, e o que havia de mais elevado e nobre em seu espírito, suas criações.

A primeira fase do concurso foi encerrada em 1929 com a reunião do júri internacional em Madrid. No total, foram recebidos 455 anteprojetos provenientes de 65 países, dos quais 196 eram propostas latino-americanas – algumas identificadas: 32 argentinas, 17 brasileiras, 26 chilenas, 35 cubanas, 37 mexicanas, 17 peruanas, 28 uruguaias (GONZÁLEZ, 2007, p.82). Os arquitetos Raymond Hood, dos Estados Unidos, representando a América do Norte, Eliel Saarinen, da

---

<sup>11</sup> A resolução, aprovada pelo coletivo reunido em Santiago no dia 24 de abril de 1923, foi assinada pelos seguintes representantes: Tulio M. Cestero (República Dominicana); J. C. Vidal Caro (Cuba); Alejandro Alvarado Quiros (Costa Rica); Rafael M. Arizaga (Equador); Pedro Cesar Dominici (Venezuela); Guillermo Valencia (Colômbia); Carlos Cuadra Pazos (Nicaragua); Cecilio Bustamante (El Salvador); Justino Jimenez Arechaga (Uruguai); Narcisio Garay (Panamá); Agustín Edwards (Chile); Fernando Saguier (Argentina); S. Gurgel do Amaral (Brasil); Benjamin Villaseca M. (Honduras); Henry P. Fletcher (EUA); Maximo Soto Hall (Guatemala); M. Gondra (Paraguai); Arthut Rameau (Haiti). Os temários e uma síntese dos debates de cada uma das edições dessas Conferências estão depositados no Arquivo Histórico do Itamaraty-RJ e também foram estudados por Dulci (2013).

Finlândia, representando a Europa e Horacio Acosta y Lara, do Uruguai, representando a América Latina, foram responsáveis por eleger dez anteprojetos selecionados para a segunda fase e dez menções honrosas, todos publicados em um número especial da revista *Arquitectura*, órgão oficial da Sociedad Central de Arquitectos de Madrid.<sup>12</sup> Dois anos depois, em 1931, o júri voltou a se reunir na cerimônia final de premiação no Rio de Janeiro, quando Gleave foi consagrado vencedor. Raymond Hood, nessa ocasião, fora substituído por outro estadunidense, Frank Lloyd Wright. Se por um lado, a entrada de Wright como jurado do concurso chamou a atenção da mídia e da historiografia para o monumento, o peso de um arquiteto estrelado por vezes eclipsa as outras dimensões do certame.

A semelhança entre o projeto vencedor de Gleave e os “sonhos pan-americanos californianos” de Wright, como avaliado por González (2007, p.87), se torna explicativo para narrar essa etapa da história do Farol de Colombo. Entretanto, para entender as diferentes construções imagéticas e narrativas sobre e a partir do navegador, é necessário ir além do primeiro lugar. O projeto de Gleave foi anunciado como vencedor no mesmo mês e ano (agosto de 1931) que, na cidade do Rio de Janeiro, o Graff Zeppelin, dirigível fabricado por uma empresa alemã, sobrevoava a Baía de Guanabara em seu voo inaugural na América do Sul depois de ter passado por Pernambuco. O júri também chegou à cidade no mês em que era inaugurado o Cristo Redentor, como nos lembra Adriana Irigoyen (2002). A modernidade técnica representada pelo dirigível, e a atualização dos signos religiosos por meio da inauguração do moderno monumento em Art Déco no morro do Corcovado dialogam com os temas encontrados pelo júri nos projetos finalistas do Farol de Colombo, que articula esses elementos em uma escala pan-americana.

A amplitude dessa escala, por sua vez, só é alcançada por meio de uma trama de agentes e instituições responsáveis pela dimensão ativa, negociada e política da circulação das diferentes concepções sobre o pan-americanismo e interpretações de Colombo. É possível identificar

---

<sup>12</sup> Em junho de 1929, com o encerramento da primeira fase do concurso, a revista madrilenha *Arquitectura*, órgão oficial da Sociedad Central de Arquitectos de Madrid, em um número extraordinário dedicado ao *Faro a Cólón*, publicou os desenhos não só dos dez finalistas, mas também dos dez projetos condecorados como menções honrosas. Chama a atenção a posição de destaque na revista – também sublinhada por González – dos projetos russos. Os dez projetos condecorados com a menção honrosa foram: (i) John Thomas Grisdale (Philadelphia, EUA); (ii) Norris I. Grandall, Donald C. Kline e George H. Riggs Jr. (Washington, EUA); (iii) Nicolás Lanceray (Leningrado, USSR); (iv) Abram Garfield (Cleveland, Ohio, EUA); (v) Nicholas Vassiliev (USSR); (vi) Enrico Miniati e Giovanni Masini (Florença, Itália); (vii) Kamil Roskot (Praga, Checoslováquia); (viii) Maurice Gogois, C.A. Dory, Associé (Amiens, França); (ix) Roger Kohn (Paris, França); (x) Jean Szelechowski e Marcel Janin (Neuilly-sur-Seine, França). *Arquitectura* - Revista oficial de la Sociedad Central de Arquitectos de Madrid; Ano 11, n.121, jun. 1929.

mecanismos que operam e tornam possível esse processo: para além da indução institucional da União Pan-Americana, a vigorosa necessidade criada nas e pelas exposições e centenários de se atualizar a mitologia fundadora do continente por meio de Colombo. Todos esses agentes – entendidos aqui como articuladores dessas escalas, temporalidades e projetos – tomaram parte e foram responsáveis pela amplitude do certame, acolhido pela agenda de instituições internacionais, como as organizações e associações profissionais de diversos países que tensionavam o projeto a partir de diferentes conteúdos e matizes políticos, técnicos e simbólicos. A partir do exame preliminar dos dez projetos finalistas é possível apontar para os mais variados estilos, o que indica como não podemos imputar à década de 1920 nenhum tipo de hegemonia, nem ao pan-americanismo uma diretriz projetual singular. Há projetos que poderiam ser categorizados como Beaux-Arts, muitos com traços de Art Déco e algumas propostas em diálogo com linguagens modernistas.

A ata da sessão solene em que o júri anunciou o vencedor foi publicada em alguns veículos da imprensa carioca, como o *Jornal do Commercio* e *O Globo*. Nela, há uma predileção do júri pelos projetos que se mostrassem mais amplos e menos simbolicamente explícitos, bem como por aqueles que garantissem a possibilidade de alterações. O longo relato indica certa frustração, de maneira geral, com as propostas, caracterizadas pela ausência dos novos e modernos recursos da construção do século XX. O projeto de Gleave, nesse sentido, é alvo de elogios pela utilização da luz artificial e da simplicidade volumétrica e, sobretudo, por seu caráter simbólico em harmonia com o que julgavam ser a beleza da obra arquitetônica: “Vista do ar ou dos arredores, a simples massa constitui um nobre característico elementar do projeto em apreço, condigno da coragem perseverante e da fé do grande descobridor que rememora”.<sup>13</sup> Há, ao longo da crítica, a valorização da adaptabilidade do monumento vencedor ao clima tropical, o que justifica a hipótese levantada por González e Irigoyen sobre a busca de Frank Lloyd Wright por projetos que demonstrassem essa qualidade. A pluralidade de interpretações sobre o moderno na arquitetura também foi enfatizada pelo júri, de maneira a destacar o monumento vencedor pela solução que extrapolou a “triste paixão pela altura” e reconheceu a dignidade de uma concepção arquitetônica que não fosse reduzida por essa questão.

---

<sup>13</sup> “Pharol de Colombo - A acta do julgamento do Grande Concurso”, *Jornal do Commercio*, Ano 104, n.252, 22 de outubro de 1931, p.3-4. [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_12/12753](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/12753). Acesso em 07 de dezembro de 2020.



Além do projeto de Gleave, o segundo lugar, de autoria de Donald Nelson (Chicago, EUA) e Edgard Lynch (Paris, França) também foi destacado por suas qualidades e distanciado dos demais, dado que nenhum dos outros oito projetos seria digno de um terceiro lugar ou se aproximasse das qualidades destacadas nos dois primeiros. O clima tropical foi novamente trazido à tona na apreciação desse projeto na crítica ao grande espaço livre previsto para a praça, “um exagero sem valor num clima tropical”, bem como a vulgarização dos simbolismos náuticos em pormenores julgados como sem significação ou razão de ser. Em seguida, há uma breve análise dos demais finalistas com o objetivo de justificar o porquê de terem sido enquadrados como “de classe abaixo do julgamento”. O projeto submetido pelos espanhóis Joaquim Vaquero Palacios e Luiz Moya, o favorito entre aqueles publicados pela revista madrilenha *Arquitectura* no final da primeira fase do concurso, foi aproximado ao Cavalo de Troia pelo caráter oculto das características arquitetônicas na solução de um monumento enorme, abstrato e tripartido. Contudo, são destacadas as habilidades dos arquitetos em organizar o arranjo das partes, excessivamente grandes, e o trabalho de pesquisa original da arquitetura centro-americana. As referências pré-colombianas também foram destacadas no projeto da equipe composta por Theo Lescher, Paul Andrieu, O. Zavaroni e Maurice Guthier (Paris, França), que tomou como modelo a ideia de um templo maia. O conjunto, entretanto, se afastaria da escala humana e multiplicaria em pelo menos dez vezes o limite de custo fixado pelo programa. O restante dos projetos, avaliados um a um pelo júri, é desvalorizado pelo que consideravam um exacerbado simbolismo, ora extrapolando o caráter cênico do monumento, ora se tornando artifício e entrave para seu pleno desenvolvimento e elaboração. É o caso do projeto do italiano Peppo Medori (Felippe Medori), julgado como um ecletismo “pseudo-moderno” cuja aposta fora na alegoria exacerbada de Colombo na proa de um navio. O mesmo foi apontado em relação ao projeto dos estadunidenses Corbett, Harrison e Macmurray, Rodgers e Poor W. K, um cenário de teatro e espécie de ecletismo sem nenhuma concepção moderna. A equipe foi criticada por não ter alterado ou desenvolvido o projeto da primeira para a segunda fase do concurso.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Novamente, aqui, subentende-se a expectativa do júri a partir da difusão e publicação dos anteprojetos submetidos na primeira fase do concurso. Esse aspecto fora previsto no edital e inicialmente pensada como uma exposição itinerante, iniciada em Madrid no ano de 1929 com o encerramento da primeira fase do concurso, e, posteriormente, em diferentes cidades da Europa e da América. Também era previsto o uso e apropriação, na segunda fase, dos desenhos submetidos na primeira sem qualquer tipo de pagamento ou direitos autorais. González (2007, p.85) afirma ser essa uma das polêmicas que possivelmente afastou grandes arquitetos do período do certame, receosos pela cessão de seus direitos

Em seu artigo, González (2007) divide os anteprojetos finalistas em três categorias de temas trabalhados pelos finalistas: exploração náutica (como a aposta nos barcos e caravelas feita por Lescher e Lynch ou mesmo a alusão a elas em meio a estrutura do farol, como em Wenzler); o globo terrestre (colocado na entrada do monumento no anteprojeto de Amon e iluminado no topo do farol por Ellington, em uma alusão ao ato de iluminar e integrar todo o mundo); ou as representações de Colombo em sua missão evangelizadora e cristã (como o vencedor Gleave e a equipe estadunidense composta por Hemle, Corbet e Harrison de maneira menos explícita). Os temas trabalhados pelos arquitetos na década de 1920 não parecem variar muito se comparados àqueles identificados na Exposição de Chicago. De maneira geral, esses projetos têm como síntese variações de uma mesma ideia: a navegação – progresso técnico – teria permitido Colombo cumprir sua missão cristã de expansão da fé cujo resultado fora a herança deixada à humanidade: o mundo como conhecemos hoje.

Essa narrativa estava presente no edital publicado em 1928 e na ata do júri de 1931. As regras privilegiavam a liberdade para a expressão do arquiteto competidor, demonstrando que o concurso buscava não se restringir a um só estilo ou escola. Apesar dessa abertura, o programa e algumas exigências mínimas tornavam a fechar algumas possibilidades e sugerir alguns caminhos.<sup>15</sup> Ao longo de todo o concurso, é possível identificar uma explícita equiparação das viagens náuticas do século XV com a recém criada possibilidade de cruzar longas distância de avião, especialmente a partir das novas rotas aéreas da Pan-American Airlines que começava a viajar entre os dois extremos do continente no período. O Farol de Colombo, nesse sentido, torna-se o elo de continuidade que atribui ao avião a mesma grandeza das navegações. Ao longo da década de 1930 é possível mapear como essa nova tecnologia de transporte fora mobilizada de forma aliada à ideia de integração pan-americana por meio dos “raids”, como o “Pan American goodwill flight”, de 1933, ou “El vuelo Panamericano pro Faro a Cólón”, que sairia de Santo Domingo e passaria por diversos países da

---

autorais – tema amplamente debatido nas primeiras décadas do século XX por associações profissionais e pelos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos – quando da submissão dos anteprojetos.

<sup>15</sup> Dentre os elementos obrigatórios estavam: a localização em cima de um monte ou terraço de cerca de 40 pés de altura; a capela que deveria receber os restos mortais de Colombo; um museu para alocar suas relíquias; a grande lanterna ou farol; e, por último, mas não menos importante, um design que, visto à distância, pudesse despertar a imaginação. Além disso, os anteprojetos deveriam prever um aeroporto medindo, ao menos, 2000x3000 pés e uma pista de cerca de uma milha; um centro oficial que incluía a nova residência do Presidente da República e quatro ou cinco outras residências oficiais, bem como seis ou oito prédios governamentais de dimensões modestas (PROGRAM AND RULES, 1928, p.18).

América do Sul até pousar no Panamá, o que nunca aconteceu devido a um acidente que derrubou três aviões no ano de 1937 (*Correio da Manhã*, 16 dez. 1937).

As exigências mínimas em relação aos projetos submetidos no concurso são mais bem explicadas na segunda parte do edital onde Kelsey prevê os desenvolvimentos futuros a partir da seleção do projeto vencedor. Nessa espécie de visão de futuro do projeto, o memorial seria o primeiro passo para a construção de um completo Pan-American Center, que contaria com um aeroporto, nunca implementado. O edital, menos do que a ata do júri, parece ser coberto com um verniz diplomático que buscava permanecer inclusivo a diferentes perspectivas em disputa no campo naquele momento. Ao estabelecer as regras que articulariam os dois momentos do concurso, considerava não ser a arquitetura moderna a mesma em todos os países, variando de nação a nação, de maneira a incentivar a originalidade e a liberdade (PROGRAM AND RULES, 1928, p.24). A apreciação do júri, por outro lado, parece ter sido menos inclusiva ao estabelecer critérios pautados em uma aceção específica do que deveria ser a arquitetura moderna – em conformidade com o clima e região na qual iria ser implementada e descolada da ideia de altura como signo da modernidade. Há, aqui, outro indício não enfatizado pela historiografia que analisa o concurso e a escolha do jovem estudante inglês como vencedor do certame. No edital, a União Pan-Americana estabelecia algumas “contingências” a partir de seu papel como contratante do projeto. Caso o vencedor fosse jovem ou inexperiente, a UPA se reservaria o direito de se associar a um arquiteto mais velho ou experiente para assumir, também, a autoria do monumento.<sup>16</sup>

Essa distância entre as expectativas da UPA e os critérios adotados pelo júri me parece significativa frente aos objetivos do presente texto. Podemos identificar duas estratégias distintas que operavam em prol da difusão do pan-americanismo por meio da arquitetura e do urbanismo no período. A primeira, expressa pelo edital, tinha caráter aberto e se relaciona ao imaginário pan-americanista, tal qual teorizado por Jean-Louis Cohen e mencionado por Ward (2016, p.21), a partir das projeções e representações de um futuro americanista inevitável, dinâmico e progressista em termos tecnológicos. Os dissensos e diferentes interpretações sobre Colombo e suas expedições, nesse sentido, tornaram possíveis a difusão desse ideal para além do continente americano. O Colombo pan-americanista não deveria, portanto, se filiar a nenhuma escola ou mesmo alegoria,

---

<sup>16</sup> Na mesma seção, eles reservavam o direito de terminar a construção caso o arquiteto escolhido se retirasse, ou fosse retirado por eles, do projeto.

sendo possível ser evocado por meio das naus, dos símbolos maias, da própria ideia da mundialização e do globo terrestre ou mesmo via cristandade.<sup>17</sup> Essas diferentes proposições, estilos, projetos e interpretações tornaram a ideia plural e permitiram que ela circulasse mundo a fora no período do entreguerras.

Já a segunda fase do concurso e a eleição do projeto de Gleave como vencedor fixou uma dessas leituras e serviu para consolidar o papel dos arquitetos como profissionais capazes e incumbidos de atualizar o grande feito de Colombo nessa nova fase da marcha rumo a civilização. O caráter heroico, no século XX, advinha da técnica, elemento também ressaltado para valorizar o papel profissional dos arquitetos, detentores desse saber especializado. Os discursos dos arquitetos membros do júri expressam o lugar almejado para a arquitetura e o arquiteto no período e parecem partir desse mesmo pressuposto. A obra arquitetônica é caracterizada por Acosta y Lara como um testemunho imperecível do sentimento unânime e inextinguível não só de uma nação ou de um continente, mas de todos os povos da Terra. Nestor Figueiredo, por sua vez, afirmou o momento como o de proclamação do arquiteto como responsável por interpretar o sentimento coletivo da alma americana:

É expressivo o fato de serem os arquitetos mais uma vez chamados para imortalizarem na arquitetura o feito sublime de um gênio; e o monumento (...) terá ainda mais a exaltar-lhe [sic] a grandeza moral, a glória de ser um símbolo dos povos, que se entrelaçam no continente das Américas. É a arquitetura uma arte de profundo alcance social através de sua filosofia. Para realizar a obra eterna da cidade de São Domingos, os arquitetos transportaram-se às cogitações mais elevadas do pensamento humano a fim de criar-se um marco de arte que despertasse na alma dos povos a unção religiosa do amor entre os homens ante a contemplação do monumento do grande navegador (*Jornal do Commercio*, 1931, p.4).

O pan-americanismo, além de fator de união entre as nações do continente, era mote para a atualização do significado da viagem colombina de 1492 e das novas relações a serem estabelecidas entre a América e a Europa. Como mencionado, não pretendo julgar sua efetividade, mas sublinhar o compartilhamento dessa ideia que me parece ter tido apelo no período entreguerras. A América, ainda segundo Figueiredo, fora apresentada ao mundo em dois momentos: por Colombo enquanto porção de terra desconhecida no Ocidente e pelos arquitetos, unida e fraterna por meio do pan-americanismo, quatro séculos depois (*Jornal do Commercio*, 1931, p.4). Há uma equiparação do grande

---

<sup>17</sup> Sobre o processo de mundialização nos séculos XV e XVI ver GRUZINSKI, 2014.

feito do navegador ao trabalho dos arquitetos no século XX, responsáveis por mostrar as gerações vindouras esse espírito pan-americano que atualizaria o ato de aproximação iniciado no século XV.

### Considerações finais

O argumento elaborado a partir do Farol de Colombo, que deveria representar para o mundo o pan-americanismo e o novo lugar da América no “concerto das nações”, é o de que os arquitetos e autoridades políticas envolvidos no concurso visavam difundir e elaborar um valor-articulador para a arquitetura enquanto disciplina e para os arquitetos, por meio de suas práticas profissionais. A arquitetura pan-americana, nesse sentido, não poderia ser conjugada no singular ou restrita a um estilo ou escola específica, mas entendida como um ideal disputado no entreguerras como meio de dotar de significado as obras e o ofício dos arquitetos por meio da história e da política.

Nesse exercício de dupla legitimação, a imagem de Colombo é interpretada de diferentes maneiras à medida que é difundida. Como argumentou Trouillot (2016), mais valem as alterações nos planos e projetos feitos em nome de Colombo do que uma suposta fidelidade às origens. A medida em que eram colocados em prática e tensionados por meio de diferentes interpretações, ideários como o hispanismo e o pan-americanismo eram difundidos e modificados por uma série de agentes e instituições. Essas disputas, por um lado, delineiam os diferentes projetos políticos que visavam estabelecer novas relações diplomáticas entre países por meio da criação de diferentes identidades, e, por outro, assinalam a centralidade de Colombo e sua historicidade para esses projetos: “Ao tentar fazer de Colombo um norte-americano, a Exposição de Chicago fez dele *um homem das Américas*” (TROUILLOT, 2016, p.217). Os debates sobre o Farol de Colombo nos indicam como as elites latino-americanas tomaram parte nesse processo de elaboração e difusão do pan-americanismo. Seja de maneira direta, por meio da autoria de projetos para o monumento, seja de maneira indireta, reivindicando seu lugar no mosaico que fora transformada a América.

Essa sucessão de reivindicações e projetos políticos levados à cabo em nome de Colombo estabelecem entre si um repertório comum e se valem da produção de uma série de silêncios. No caso de Colombo, o que não podia ser inteiramente excluído ou deixado de lado em suas celebrações – em grande medida pelo processo de questionamento e problematização já em curso e como aspecto central da celebração promovida pela Espanha e tomada como pauta por movimentos sociais –, teve que ter sua importância histórica redimensionada. No momento de sua inauguração,

em 1992, o pan-americanismo não mais era disputado pelas nações americanas como ideia a ser perseguida e praticada pelas retóricas de fraternidade como acontecia no período entreguerras. Uma reportagem do jornal venezuelano *El Nacional* em 7 de outubro de 1992 informava sobre a inauguração do Farol de Colombo e sobre a ira provocada pelo evento nos dominicanos:

O governo dominicano inaugurou ontem com pressa e sem seu presidente, (...) a última grande obra faraônica do século XX: o monumental farol que magnifica para a posteridade em Santo Domingo os 500 anos do Descobrimento da América, que se converteu, além disso, em objeto das iras populares por seu desorbitado custo. O que a princípio se programou como uma pomposa homenagem da América Latina à hispanidade, que incluiu a transferência dos supostos restos de Cristóvão Colombo da catedral a um novo mausoléu dentro do farol, tornou-se um ato local. (*El Nacional*, 07 out. 1992).

As reações populares contra o monumento se justificavam por muitos aspectos: o enorme crucifixo que iluminava o céu causava frequentes cortes de luz em bairros da periferia da cidade; um muro, batizado pelos dominicanos de muro da vergonha, fora construído para esconder os bairros pobres que se localizavam nos arredores da obra; a celebração questionável do *descobrimento* do continente e a reafirmação de símbolos cristãos de colonização.

Como já argumentado, a historicidade das disputas e significados atribuídos à Colombo conformam um protocolo onde as apropriações e transformações operadas ao longo do processo importam mais do que as origens. São os embates e as diferentes leituras que possibilitam a difusão mítica da imagem do navegador, atualizada a partir de diferentes projetos políticos e temporalidades. Recuperar algumas dessas iniciativas e incluir entre elas o Farol de Colombo indica como, nessa cadeia celebratória, esses rituais se atualizam e impõem novos e possíveis horizontes para as próximas celebrações e reivindicações.

### Referências bibliográficas:

AL ASSAL, Marianna Ramos Boghosian. *Arenas nem tão pacíficas* - arquitetura e projetos políticos em Exposições Universais de finais da década de 1930. 2014. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ARDAO, Arturo. "Panamericanismo y latinoamericanismo". In: ZEA, Leopoldo (coord.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI, UNESCO, 1986, pp. 157-71.

ATIQUÉ, Fernando. *Arquitetando a "Boa Vizinhaça"*: arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos, 1876-1945. Campinas: Pontes/FAPESP, 2010.

BAGGIO, Katia. “Os intelectuais brasileiros e o Pan-Americanismo: A Revista Americana (1909-1919)”, In *Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPHLAC*, Salvador, 2000.

BEIRED, José Luis. “Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas”. *Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Campinas, 2006.

BRESCIANI, Maria Stella. M. “A construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar?”. In: FREITAS, J.; MENDONÇA, E. (Org.). *A Construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar?* Vitória: EDUFES, 2012, pp.141-159.

CERASOLI, Josianne. “O lugar da América: por uma expressão arquitetônica moderna, panamericana e universal nos anos 1920”. *XXI Encontro Estadual de História, Trabalho, Cultura e Memória* (ANPUH - SP), Vol. 1. Campinas, SP, BRASIL, 2012, pp.1-14.

CHRISTOPHER COLUMBUS, Then and Now. 1992. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1992/10/12/opinion/christopher-columbus-then-and-now.html?searchResultPosition=97>. Acesso em: 30 jun. 2020.

DULCI, Tereza M. S. *As conferências Pan-Americanas (1889 a 1928): identidades, união aduaneira e arbitragem*. São Paulo, São Paulo: Alameda, 2013.

DUNCAN, David Ewing. In 1992, What's Columbus to me and you? 1992. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/entertainment/books/1992/10/11/in-1992-whats-columbus-to-me-and-you/710a26d5-1dbf-464f-8128-5a79ef298fba>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FERRERAS, Norberto. “El Panamericanismo y otras formas de relaciones internacionales en las Américas en las primeras décadas del Siglo XX”, *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.15, p. 155-174, jul./dez. 2013.

GOMES, Marco Aurélio. A. F. (Org.). *Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960*. Salvador: EDUFBA, 2009.

GONZÁLEZ, Robert. “El concurso del Faro de Colón - Un reencuentro con el monumento olvidado de la arquitectura panamericana”. *ARQ*, Santiago, n.67, 2007, p.80-87.

\_\_\_\_\_. *Designing Pan-America: U.S. architectural visions for the Western Hemisphere*. Austin-TX: University of Texas Press, 2011.

GORELIK, Adrian. “A produção da ‘cidade latino-americana’”. *Tempo Soc.*, v. 17, n. 1, p. 111-133, jun.2005.

GRUZINSKI, Serge. *As Quatro Partes do Mundo: História de Uma Mundialização*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Ed. UFMG, 2014.

GUIMÓN, Pablo. Estátuas de Colombo são o novo alvo do movimento revisionista nos EUA. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-06-12/estatuas-de-colombo-sao-o-novo-alvo-do-movimento-revisionista-nos-eua.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

IRIGOYEN, Adriana. *Wright e Artigas - duas viagens*. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2002.

LIRA, José T. C. “Modernismo, erotismo e domesticidade masculina: a casa Capuava de Flávio de Carvalho”. In: BRITTO, F.; MELLO, J.; LIRA, J.; RUBINO, S. (Org.). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. 1ed.São Paulo: Edusp, 2017, p. 289-321.

MARINS, Paulo Garcez. "Destruir uma estátua não resolve, é preciso discutir a memória", diz historiador". 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/06/11/destruir-uma-estatua-nao-resolve-e-preciso-discutir-a-memoria-diz-historiador.htm>. Acesso em: 30 jun. 2020.

MERVOSH, Sarah; ROMERO, Simon; TOMPKINS, Lucy. Reconsidering the Past, One Statue at a Time. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/16/us/protests-statues-reckoning.html?searchResultPosition=5>. Acesso em: 30 jun. 2020.

MONTE Y TEJADA, Antonio. Historia de Santo Domingo. Santo Domingo: Imprenta de García Hermanos, 1852.

O'GORMAN, Edmundo. A invenção da América. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

PROGRAM AND RULES of the competition for the selection of an architect for The Monumental Lighthouse which the nations of the world will erect in the Dominican Republic to the memory of Christopher Columbus. Prepared by Albert Kelsey, FAIA, Technical Adviser; Issued by the Pan American Union, 1928.

REIS, Mateus. "Latino-americanismo e pan-americanismo no Uruguai do entreguerras". *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.15, p. 198-224, jul./dez. 2013.

*SAINTE OR CRIMINAL?* Columbus Revisited. 1991. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1991/10/15/nyregion/saint-or-criminal-columbus-revisited.html?searchResultPosition=160>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SZEKELY, Peter. Governador de Nova York defende estátuas de Colombo por simbolismo a ítalo-americanos. 2020. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKBN23J2C4-OBRTTP>. Acesso em: 30 jun. 2020.

TORRÃO FILHO, Amilcar. "A América como efeméride, nas malhas que o Império tece: o historiador, a estátua, seu subalterno e o ventríloquo". Texto apresentado no II Seminário Internacional Espaços Narrados, FAU-USP, 2019.

TROILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: huya, 2016.

WAISMAN, Marina. O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WARD, Stephen. "Planning Diffusion: Instruments, Regulation, Tools and Techniques". In HEIN, C. (ed.). *The Routledge Handbook of Planning History*. New York: Routledge, 2016, p.76-90.